



A melhor e a pior coisa que fará na vida:

A imigração a partir do olhar de um refugiado sírio em Brasília

*Nathália Barcelos Ubialli**

* Graduada em Ciências Sociais (habilitação em Antropologia),
Universidade de Brasília (UnB). naathalia.b@hotmail.com

Resumo: A proposta deste artigo é refletir acerca da subjetividade dos migrantes a partir da análise etnográfica de um caso específico de um jovem sírio refugiado em Brasília, George Al Neme. Para isso, buscarei tratar de algumas questões que envolvem a migração no Brasil e na Síria. Posteriormente pretendo refletir sobre a conceitualização da imigração de uma forma mais específica, trazendo algumas ideias iniciais sobre o tema.

Palavras-chave: Refugiado. Migrações. Subjetividade. Brasília. Síria.

Abstract: The purpose of this article is to reflect on the subjectivity of migrants based on the ethnographic analysis of a specific case of a young Syrian refugee in Brasília, George Al Neme. To that end, I will try to address some migration issues in Brazil and Syria. Later I intend to reflect on the conceptualization of immigration in a more specific way, bringing some initial ideas on the subject.

Keywords: Refugee. Migrations. Subjectivity. Brasília. Syria.

Considerações iniciais

Deixar tudo para trás, trabalho, família, amigos e embarcar em uma grande aventura por causa da guerra, que é uma opção que não foi planejada e viver no exterior, poderá ser a melhor e a pior coisa que fará na vida. Toda aquela mistura de sentimentos, alegria, tristeza, ansiedade e curiosidade tudo junto e misturado no dia do embarque se transforma com o tempo em coisas boas e ruins. Uma hora a gente se habitua ao lugar e tudo começa a se encaixar, mas antes disso acontecer passamos por algumas fases¹.

Conheci George, antes de sequer pensar em escrever esse artigo, no restaurante de comidas árabes onde ele trabalha e que fundou junto com seu primo Bashar, Yalla Falafel. Quando o artigo começou a ser escrito, além de trabalhar, George cursava o primeiro semestre de Relações Internacionais na Universidade de Brasília, dividindo seu tempo entre as rotinas exaustivas do trabalho e da vida

¹ Recorte de um documento disponibilizado pelo interlocutor, George, que será contextualizado posteriormente. Fiz uma opção metodológica de transcrever os documentos exatamente como ele escreveu por acreditar que mesmo os considerados “erros” gramaticais possam transmitir algo.

universitária. No entanto, apesar de estabelecido no Brasil desde 2014, e com sua rotina similar a dos demais brasileiros, George é um refugiado Sírio e assim é percebido pela maior parte das pessoas com as quais interage.

Quando se fala de migrantes, normalmente os pensam pelos vieses jurídicos, objetivos e estruturais. Não desmerecendo esta análise, creio ser também muito relevante buscarmos pensar aspectos que envolvam não só a objetividade destes sujeitos, mas sua subjetividade. Joelma Carmo de Melo Barbosa (2010) fala sobre como pode-se abordar o imigrante a partir desses dois aspectos, e como esses são paradigmáticos. O aspecto objetivo se daria a partir do fator estrutural, em uma perspectiva de deslocamento para um processo de acumulação de capital e o subjetivo que abordaria questões não circunscritas ao aspecto econômico, que “dizem respeito à trajetória pessoal e o modo de articulação do migrante com o movimento do mundo e dos lugares” (BECKER, 1997; FERREIRA, 2007, apud BARBOSA, 2010, p. 19). É no segundo aspecto que iremos focar.

E por conta disso, é a partir de relatos de George que o texto será estruturado. Primeiramente trazendo alguns aspectos a respeito

do contexto, no que tange a perspectiva migratória no Brasil e das motivações da vinda dos sírios ao Brasil. Em um segundo momento, apresentando os dados coletados com a pesquisa, que se deu em três momentos – o primeiro, uma entrevista inicial, em um segundo momento a leitura de uma palestra que foi por ele enviada, e um terceiro, uma nova entrevista para sanar eventuais lacunas –, dados estes que já representam bem as perspectivas subjetivas do migrante que buscarei mostrar aqui. E por fim, proponho analisar as abordagens de teóricos clássicos e autores contemporâneos.

Pensando no contexto

É importante entender o contexto tanto do país receptor quanto do emissor, levando em conta considerações de Sayad que o "imigrante, antes de ‘nascer’ para a imigração, é primeiro um emigrante" (1998, p. 18). Raramente o fluxo migratório internacional vem isolado, ele se dá por um processo complexo, e por isso a importância da contextualização. No entanto, ao ser considerada a brevidade do texto, a contextualização se dará de forma sucinta, mas com o cuidado de não simplificar esses processos. Sendo assim, inicio trazendo enfoques mais gerais sobre o

histórico de imigração no Brasil, para em um segundo momento falar da migração Síria, focando no processo mais atual.

A imagem do Brasil foi historicamente construída sob uma perspectiva de acolhimento e receptividade aos imigrantes. No entanto, temos que ter em mente que a visão do senso comum de que este seria um país receptivo com os imigrantes pode ser desmitificada, ou, utilizando o conceito de Sonia Hamid (2012), desnaturalizada. A autora busca desnaturalizar o discurso humanitário brasileiro, de que este proporcionaria uma boa convivência e respeito à diversidade na sua história como um todo, pois, segundo ela, quando se analisa o histórico da constituição, o que observamos é a construção de uma postura seletiva e restritiva no relacionamento histórico do Brasil com as populações imigrantes.

De acordo com Miriam de Oliveira Santos (2010), até 1845 a imigração era vinculada à colonização, mas essa configuração começa a mudar no contexto pós Primeira Guerra Mundial, quando começam a surgir os fluxos de apátridas. Já no período entre guerras e pós-Segunda Guerra Mundial o fluxo de refugiados cresce – sendo os judeus os representantes do maior número do contingente imigrante

do período –, número que tem crescido mais e mais, e mudando de face diversas vezes desde então.

Na atualidade, a configuração da imigração brasileira pode ser analisada através dos dados disponibilizados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Por exemplo, até o final de 2016 o Brasil reconheceu 9.552 refugiados de 82 nacionalidades, e deste número, 326 tinham como origem a Síria. A Venezuela foi o país com maior número de solicitações de refúgio no período analisado (33%), no entanto a Síria aparece com mais solicitações deferidas (35%) (ACNUR, 2016).

O processo de imigração Síria ao Brasil após os períodos de conflito fica nítido quando analisamos números: em 2011 se tinha registro de apenas 6 refugiados sírios em território nacional, enquanto no ano de 2014 o Brasil reconheceu 1.047 refugiados, somando um total de 1.385 sírios, passando a ser a nacionalidade com maior número de imigrantes em território brasileiro.

Esse fluxo é um reflexo da onda atual de violência Síria que teve início em meados de 2011, por conta de sua divisão política e

religiosa, desde então a situação da guerra civil lá instaurada só vêm se mostrando mais e mais tensa, sendo uma das maiores crises humanitárias já registradas.

Os dados demonstraram que, desde o início do conflito até janeiro de 2014, mais de 2,39 milhões de pessoas fugiram do território sírio. Estimou-se que, devido ao adensamento da crise, o número de refugiados sírios no mundo alcançaria a provável cifra de 3,590 milhões de refugiados ao final de 2014 (GODOY, 2016, p. 85).

A maior parte dos sírios que deixa seu país em busca de refúgio se aloca nos países vizinhos, sendo que onde se apresentam registros do maior número deles são o Líbano (1,14 milhão de pessoas), Turquia (815 mil) e Jordânia (608 mil) (Ibidem, 2016, p. 87). As regiões mais afetadas pela crise, compostas por alguns desses países vizinhos, são historicamente responsáveis pelo acolhimento de refugiados palestinos, e o agravamento da guerra na Síria “tem testado a capacidade de resposta dos países vizinhos e do próprio sistema humanitário global” (Ibidem, 2016, p. 85).

E a resposta do Brasil tem sido um atrativo para os sírios, já que os preços do deslocamento para cá costumam ser menores, uma maior segurança quando comparada à Europa, além da resolução receptiva por parte do Conare instaurada em 2014, que facilitou a

concessão de vistos aos sírios – além da grande comunidade sírio-libanesa instaurada no Brasil ao longo da história.

Migrar – Melhor e pior coisa²

Dei início à pesquisa deixando o campo me levar, buscando ouvir o que ele tinha a me dizer, para depois desenvolver questões específicas as quais eu sentisse que seriam pertinentes. Para isso, George e eu tivemos uma primeira conversa, pedi que ele me contasse casos de sua vida e sobre o tema da migração, para por fim, falar do restaurante.

É interessante apresentar mais elementos do nosso personagem além do anteriormente relatado. George é um jovem de 22 anos, nascido em Damasco, na Síria. E que por conta da guerra em seu país, se viu obrigado a deixá-lo. Na mudança, George teve que deixar sua mãe e seus dois irmãos, com 12 e 15 anos – com os quais relatou não conseguir ter muito contato por conta da

² Utilizei aqui termos cunhados pelo próprio George, “embarcar em uma grande aventura por causa da guerra que é uma opção não foi planejada e viver no exterior, poderá ser a melhor e a pior coisa que fará na vida” (grifo meu).

instabilidade da internet de lá, além dos agravantes da falta de tempo, do fuso horário e da correria do dia a dia.

Então, a história de migração foi por causa da guerra, né? Tem gente que não queria mais matar pessoas, não queriam entrar no exército para voltar pra casa morto daqui um mês, igual a minha mãe, ela vendeu um ouro que ela tinha, que valia uns dois mil e oitocentos dólares. Aí fui para o Líbano, a primeira coisa que gastei foi mil dólares pro ticket para o Brasil, lá gastei outros mil e fiquei com oitocentos dólares, para eu gastar aqui. O dinheiro do Líbano é muito caro, eu trabalhei no Líbano por quatro meses... depois ganhei o visto, tipo, isso que eu queria, só ganhar o visto brasileiro... Porque na Síria, eu “fugia”, tipo, três noites, eu saí da faculdade porque começaram a jogar bombas. Eu fazia ciência política, aí não tem três dias, deram um tempo para colocar meu nome em um papel para a fronteira, depois desse tempo não pode mais sair da Síria, sabe...

Este relato traz aspectos das motivações e do contexto de sua migração. Em um primeiro momento ainda não tinha me atentado para questões como, a vital pergunta de qual parte da Síria ele vem, já que ele vir de uma região mais conservadora, ou não, teria reflexos em sua adaptação e sua forma de enxergar esse processo, além de questões como classe, escolaridade, por exemplo. Ele me contou que vem de Damasco que seria uma região – usando analogia feita pelo próprio George – análoga a São Paulo, uma grande metrópole, e por conta disso, é bem menos conservadora que algumas outras regiões. O que certamente tem a ver com ele dizer

coisas como “eu sou muito ocidental antes de sair de lá, sabe. Tipo, cara, eu vim de cultura fechada, mas não sou fechado.”

George falou também de como foi o processo de se estabelecer em Brasília, e como foi abrir o restaurante no qual nos conhecemos, o “meu primo, Bashar, ele arrumou o dinheiro, e a gente aprendeu a fazer a comida em casa e estava tipo ‘o George faz assim, o George faz assim’, eu fiz o projeto todo, eu sei cada real que entrou e saiu no Yalla, até a hora de abrir até a hora de agora”.

A princípio, a ideia era, de alguma forma, fazer a pesquisa dialogando entre a questão do restaurante com a do trabalho, perspectiva tão atrelada aos imigrantes, especialmente no primeiro momento dos estudos migratórios, que considera a migração exclusivamente em seu aspecto econômico. No entanto, se antes de nossa primeira conversa eu acreditava que esses seriam os pontos mais interessantes de se abordar, depois de receber um documento, intitulado “George importante reunião dia 28 de setembro atualizado”, que fora escrito por ele para apresentar em uma palestra da Semana Universitária de Brasília sobre saúde mental, minhas perspectivas de pesquisa mudaram.

Nesse documento havia quatro perguntas estruturadas para ser a base do que elealaria. Perguntas como quais eram suas maiores dificuldades – no âmbito universidade e Brasília como um todo – como ele achava que essas dificuldades poderiam ser resolvidas, como elas afetavam sua saúde mental e qual era sua relação com elas. E, conforme a citação que dá início ao artigo, George separa essas experiências em algumas fases.

Fases estas que buscarei trazer com alguns detalhes, algumas transcrevendo por inteiro, por acreditar serem relatos muito sensíveis e ricos. Começando pelo o que ele classifica como a questão das dificuldades de aprender um novo idioma, “nossa língua árabe é linda e que você consegue entender e se expressar corretamente, sem ter que pensar em formar frases antes de falar mais aqui não serve (...) ter que ouvir um idioma que não dominamos o dia inteiro, todos os dias da semana não é fácil, chega uma hora que você não vai mais suportar e não terá mais vontade de falar”.

Fala também da questão da integração, sobre como “deixamos nosso país para trás, mas muitas vezes não estamos abertos a vivenciar uma nova cultura, não aceitamos o diferente e demoramos mais tempo para nos habituar”, além de falar da questão paradoxal da

adaptação social ao dizer que “é preciso grande esforço para compreender os hábitos e as regras sociais do país de destino e mesmo assim preservar nossas origens”.

O terceiro ponto o qual ele aborda é o aspecto da vida social, “morar aqui no Brasil ou qualquer país é conviver quase que diariamente com a solidão” e narra em seguida, em um relato doído, esse aspecto.

Tudo no início é difícil, mas chega um tempo que você realmente precisa de tomar aquela coragem e se apresentar em todos os lugares só pra saber se você serve pra ser um amigo de alguém! E você tenta uma vez, dez vezes, talvez consiga. Mas, aí como você é refugiado as pessoas ficam conversando com você só pra saber a situação no seu país que você jamais quer falar sobre esse assunto porque você fala e lembra, e depois da conversa não adianta nada porque tudo já morreu depois da conversa e ninguém mais fala contigo... Cansei dessa forma de me apresentar como refugiado... Cansei mesmo, quero me apresentar como pessoa normal³, falar sobre outros assuntos, sobre a vida mesmo, a vida é muito linda. A vida que vocês mesmos estão vivendo, que é cada um de vocês construindo a vida, como está conseguindo utilizar o tempo em estudar e trabalhar, sair com os amigos, falar fofoca sobre todo mundo, a vida de 21 anos. Eu não vivi essa vida, minha vida cresceu dentro da guerra como todo mundo que estava e está lá ainda sofrendo e tem medo de morrer em qualquer momento. Vocês vivem em muita paz. Até eu paro muitas vezes e me pergunto eu preciso de fazer o que pra lavar meu cérebro daquele

³ “Há um desejo de se aproximar dos brasileiros, de tornar suas diferenças semelhantes, para que possam ser vistos como seres humanos dignos e não como aberrações” (LEVI-STRAUSS, 2013, 260-263, apud, JACOB, 2014, p.29).

sangue que já vi durante cinco anos...⁴ É preciso de entrar no subconsciente e trocar o cartão de memória⁵.

Ainda sobre esse aspecto da vida social, em nossa entrevista, quase um ano depois de ter escrito esse relato, ele me contou como se sentia a respeito de fazer amizades,

Muito ruim, já cansei de história, sou refugiado da síria, falar tudo de novo, sabe? Difícil fazer amizades num país diferente, sabe? É... História vai só repetindo, só repetindo... Ai, sou estudante cara, não sou mais refugiado, não quero mais repetir esse assunto, porque já, ah... a moda, refúgio, a minha situação não é mais de refugiado.

Já no quarto, e último, fala da saudade⁶, “ela chega, sempre chega, pode ser no início para te fazer pensar em desistir, pode ser depois de algum tempo de adaptação... E nos perguntamos se é isso

⁴ Para o antropólogo francês Michel Agier, os refugiados são “em primeiro lugar, sobreviventes”: pessoas que conheceram os horrores da morte em todas as suas formas; que perderam seus bens, famílias e referências; que têm experimentado dor física e psicológica e que muitas vezes sofrem transtornos mentais e, principalmente, da perda de identidade (AGIER, 2002, apud BARBOSA, 2010, p. 28).

⁵ Essa passagem me remeteu ao relato coletado por Sayad no qual seu interlocutor diz que “Há coisas que não se esquecem, tudo o que gostaríamos de esquecer” (SAYAD, 1998, p. 119).

⁶ Na língua brasileira, a saudade é um termo que “define um estado d’alma e um sentimento de dor, de angústia, de nostalgia provocado pela distância, pela ausência, pelo desejo de estar num outro tempo e lugar” (OLIVEIRA, 1997, p.8, apud MENEZES, 2015, p. 6).

mesmo que queremos, mas *como lidar com a vontade de estar lá e querer continuar aqui?*” (grifo meu).

Depois de nossa primeira entrevista, de ele me mandar o arquivo da palestra sobre saúde mental, ainda tivemos algumas conversas, e ao indaga-lo se ao longo da construção do artigo algumas coisas mudaram, sua resposta fora que sim,

Eu sinto que mudou muita coisa também que... principalmente a adaptação com o país, aprender mais tradições. Os costumes que o brasileiro faz que a gente também precisa aprender porque muita coisa que talvez a gente... tipo, solta muitas palavras que é acostumado a falar lá e quer aplicar aqui no brasil, aí não dá. Também aprendi a ser mais feminista no brasil (risos).

A vivência na teoria

São todos, aparentemente, relatos muito difusos e que deixam espaço para abirmos diversas janelas de questionamentos, mas que, no entanto, de alguma forma, se encaixam e ilustram bem como a vivência do imigrante é cheia de subjetividades.

Os lugares, suas diferenças e semelhanças, a partida e a chegada, o trabalho, o estranhamento e o pertencimento, a saudade e a amizade, os familiares que ficaram e os familiares que permanecem próximos, as comparações entre aqui e lá, entre o antes e o depois, as lembranças e a memória, as representações dos lugares e das gentes, as tendências e possibilidades de uma nova migração, o retorno ou o avançar adiante... São alguns componentes de quem migra e dos lugares da migração, que

convergem para o entendimento e a complexidade da mobilidade (GOETTERT, 2008, p. 267).

A imigração se institui enquanto categoria de identificação para quem migra, e é ela quem cria essa sensação de pertencimento a dois lugares, segundo Simmel (1979), mas ao mesmo tempo os torna estrangeiros tanto no local de chegada quanto no de origem. No ato de migrar, o sujeito abandonaria suas referências, já que estaria deixando um espaço no qual ele pertence e de coletividades conhecidas para um espaço no qual estas referências já não se fariam presentes.

Essas problemáticas nos remetem à teoria cunhada por Sayad, autor central do segundo momento dos estudos migratórios que pensa a migração a partir de perspectivas mais amplas do que as que se tinham até então, já que no primeiro momento se pensava as migrações como processos isolados, e as causas e consequências da migração eram analisadas exclusivamente a partir do viés econômico.

Com Sayad o termo migrante já não era o utilizado, pensava em (e/i)migrante, levando em conta, como supracitado, que antes de ser imigrante o sujeito é um emigrante (1998). É essa perspectiva

que molda como a sociedade de chegada o entenderá, já que será interpretado de acordo com o local de origem. Vemos isso no caso de George, que mesmo buscando uma adaptação onde se estabeleceu, continua sendo enxergado enquanto um sujeito vindo de outro lugar, em uma posição “liminar”, “transitória” e “inclassificável”, (MALKKI, 1995, p. 6-7, apud HAMID, 2012, p. 4).

Na perspectiva de Sayad o (e/i)migrante é sempre visto enquanto força de trabalho provisória, temporária e em trânsito, como alguém de fora e deslocado. Pensa a migração como movimento unilateral, sempre no sentido centro-periferia, e desconsidera os imigrantes como atores, apagando-os enquanto sujeitos. Esses pontos mostram que alguns apontamentos de Sayad acabam sendo insuficientes para nossa análise.

No entanto, mesmo reconhecendo tais limitações em sua teoria, ela ainda nos é muito útil para pensarmos a partir do viés melancólico de quem migra. Segundo o autor, a imigração fundaria um paradoxo de um múltiplo movimento e de uma dupla ficção. Além disso, de uma volta e a de uma naturalização que não seriam possíveis e assim, os migrantes viveriam o drama do ausente que está presente e do presente que está ausente.

Esse é um dos numerosos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente. Duplamente presente – efetivamente aqui e ficticiamente lá – e duplamente ausente – ficticiamente aqui e efetivamente lá – o imigrante teria uma vida dupla, que ultrapassa e que é diversa da oposição tradicional entre vida pública e vida íntima: uma vida presente, banal, cotidiana, vida que pesa e enreda, vida segunda, ao mesmo tempo cronológica e essencialmente secundária; uma vida ausente, figurada ou imaginada, lembrada, uma vida que foi primeira cronologicamente e que permaneceu primeira, essencial, afetiva e efetivamente, e que, sem dúvida, voltará a sê-lo um dia (SAYAD, 2000, p.20).

O sentimento da ausência se apresenta como constituinte central da experiência do migrante, pois segundo Sayad (1998) o movimento de partir evocaria sentimentos de perda, abandono, solidão e culpa. Porém, por conta de suas limitações teóricas, para o que buscamos refletir sobre, aqui beberemos também das fontes do terceiro momento dos estudos migratórios, no qual os teóricos tratam a perspectiva da migração por um viés transnacional.

Neste outro momento dos estudos migratórios, as trajetórias e fluxos não seriam mais entendidos de forma fragmentada e unilateral, e sim integrada – aqui o imigrante passa de um indivíduo “sem lugar” para ser entendido como pertencente a múltiplos lugares.

A condição de transitividade migratória é de *ligação* e não de separação, por mais paradoxal que possa parecer: o “transitório” parece não

pressupor a passagem de um estado a outro ou de uma condição a outra (na migração, de um lugar para outro) porque “passa”, é “passageiro” e “efêmero”; na perspectiva da transitividade migratória, o que se pressupõe não é apenas a passagem de um estado a outro ou de uma condição à outra (ou, na migração, de um lugar para outro), mas no amálgama entre dois ou mais estados ou entre duas ou mais condições, no (des)encontro entre dois ou mais lugares: o migrante *é e não é, está e não está, é presente e ausente, é ausente e presente*, simultaneamente. (GOETTERT, 2009, p. 58).

Com isso, nota-se que há uma diferença entre estar em um lugar, e ser do lugar. O que se dá a partir da não existência de parâmetros temporais para pensar universalmente a condição de transitividade migratória, “como construção subjetiva, tende a variar dependendo de cada sujeito e de como cada um lida com as mudanças, com as permanências, com as distâncias tanto espaciais como temporais” (GOETTERT, 2009, p. 59).

Mesmo a memória e a identidade são aspectos mais subjetivos que objetivos, já que são representações e construções da realidade, e não coisas fixas (GILLIS, 1994, p. 3, apud, SEYFERTH, 2010, p. 104). Ou seja, quando pensamos a migração por uma perspectiva subjetiva precisamos levar em conta que o entendimento dessa experiência de um determinado migrante, como George por exemplo, pode ter várias particularidades quando comparada com a de outros migrantes.

O conceito de memória, conjuntamente com a identidade (étnica) é o que "implica a construção de fronteiras associadas a pertencimento comunitário ou grupal" (SEYFERTH, 2010, p. 104), sendo assim,

Basta reter que a memória é individual e coletiva, supõe temporalidade - passado/presente -, é uma construção, assim como a identidade e etnicidade, cujos enunciados ideológicos ou representações dependem dela, sem esquecer que recordar é um exercício seletivo (tanto quanto o esquecimento), seja do indivíduo ou da coletividade (SEYFERTH, 2010, p. 104).

Além disso, superar as diferenças culturais se mostra como um dos grandes desafios de quem migra. As experiências interculturais “começam no encontro com o ‘outro’ e evoluem para o encontro com o ‘eu’” (MAMMAN, RICHARDS, 1996, apud BARBOSA, 2010, p. 19). E por isso a importância de dar visibilidade aos fatores culturais da construção, ou reconstrução, de uma nova identidade desses sujeitos quando se pensa em seu ajustamento e inserção, e que são imprescindíveis ao processo de socialização no local de chegada (CASTELLS, 2002, apud BARBOSA, 2010, p. 19).

Conclusão

Tendo em vista as abordagens dos diferentes momentos dos estudos migratórios e a forma como cada uma delas interpreta tais movimentos, sendo, no primeiro momento a perspectiva de Sayad, que trata o (i/e)migrante enquanto um sem lugar, e a abordagem transnacional, que traz uma perspectiva de múltiplos pertencimentos. Pode parecer contraditório aplica-las conjuntamente para a análise de um mesmo caso, mas a brecha para esta contradição é proposital. Justamente por acreditar que todos os ângulos são relevantes para pensar o migrante em sua subjetividade, por crer que trazer esses diferentes olhares pode servir para reforçar isto.

Dos relatos de George, apresentados anteriormente, podem ser feitas diversas considerações para pensar questões subjetivas do migrante. Apesar de narrarem as motivações da migração, as dificuldades desse deslocamento, e mesmo a relação trabalhista – e outros aspectos que poderiam ser considerados mais objetivos –, isso, em conjunto com o relato de suas experiências e sensações, nos aspectos de idioma, integração, vida social, e algumas questões que englobam esse aspecto, como a angústia para pertencer, e até mesmo

da saudade, mostra questões estruturais do migrante, mas a partir de suas vivências particulares.

O objetivo aqui foi, a partir de um exercício de aproximação com a realidade de um imigrante sírio em Brasília, apontar reflexões acerca da migração para além de seu viés econômico e objetivo. Achei interessante trazer para a reflexão os diversos aspectos que definem a experiência de migrar e, além disso, retomar as várias óticas que permeiam esses movimentos, como uma espécie de emaranhado de elementos que convergem e criam a realidade subjetiva de quem migra. Tal movimento nos permite falar de afetos, angústias, dores e experiências que escapam às estatísticas e às análises estruturais, mas que são constituintes do ser migrante.

Sofremos muito e nos questionamos, mas sabemos que fizemos a escolha certa⁷.

⁷ Frase que encerra o arquivo enviado por George e por conta disso achei coerente utiliza-la como frase final aqui também.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Joelma Carmo de Melo. Reassentamentos urbanos de imigrantes palestinos no Brasil: um estudo de caso do “campo” de Brasília. Joelma Carmo de Melo Barbosa; orientadora: Maria Alice Rezende de Carvalho. Dissertação (Mestrado) em Sociologia e Política Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

GOETTERT, Jones Dari. Gentes, migração e transitividade migratória. Espaço Plural. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, Brasil. vol. X, núm. 20, enero-junio, 2009, pp. 53-62.

_____. O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. - Doutorado, MS: Editora da UFGD, 2008, pp. 488.

HAMID, Sônia C. (Des)Integrando refugiados: os processos do reassentamento de palestinos no Brasil. Tese de Doutorado, PPGAS/UnB, 2012.

JACOB, Jamila Miguel. Sírios e libaneses: árabes diferentes, brasileiros iguais ou de como a identidade étnica se transforma e se mantém. 61 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SANTOS, Miriam. “Os estudos históricos sobre a imigração no Brasil”. In Ferreira, Ademir et. Al (Orgs.). A experiência migrante. Entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, pp. 99-103.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v. 13, n. esp., jan. 2000.

_____. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SEYFERTH, Giralda. “Os estudos históricos sobre a imigração no Brasil”. In: FERREIRA, Ademir et. Al (Orgs.). *A experiência migrante. Entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, pp. 103-122.

SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. (Org). *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, O.G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, pp.11-25.

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Dados sobre refúgio no Brasil. In: www.acnur/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil <acesso em 03 de dezembro de 2017>.